

**ENTREVISTA MUSEU HASSIS**  
**DENILSON ANTÔNIO – ARTISTA PLÁSTICO, CURADOR E ARTE EDUCADOR DO MUSEU**  
**LEILA VIEIRA – DIRETORA DA FUNDAÇÃO HASSIS E FILHA DO ARTISTA HASSIS**

**Reportagem: Aline Ribeiro**

**Imagens: Milka Plaza e Cristiane Alves**

**R - Como surgiu a Ação Educativa no Museu, quem e quando teve a idéia?**

L – Nosso Museu tem um legado muito grande, acervo que o artista Hassis nos deixou, nossa proposta é a de divulgar grande parte dessa obra, nosso objetivo principal é a Arte-educação. o primeiro passo foi montar toda uma estrutura para que tudo isso acontecesse. Hassis tinha um histórico em vida, de trabalhar muito com educação. Isso não acontecia muito nos meios de exposições como mediações do próprio artista e ele já fazia muito isso. Existia um programa dentro da casa dele, seu ateliê, com uma grande escola dentro de Florianópolis onde todo ano, durante aproximadamente oito anos, durante o período de um mês, eram trazidas todas as turmas da oitava série para ter uma conversa com Hassis. Isso se tornou quase uma tradição e ele gostava muito de fazer esse trabalho. Nós, dando continuidade com esse trabalho preparamos uma estrutura bem grande com relação à Arte-educação. Fizemos várias pesquisas e estudos de viabilidade e material pedagógico. O importante é trazer as crianças e todas as pessoas ao Museu e dar a conhecer a obra do artista.

**R – Então, a iniciativa de trazer todo esse acervo, divulgar todo esse material veio também do próprio autor?**

L – Com certeza. Hassis deixou praticamente a Fundação pronta. Ele, além de ser um artista, tinha muita visão. Preparou um trabalho de “arquivista”. Isso não é muito comum em artistas. Ele facilitou o trabalho para organizar o Museu. Assim, tivemos conhecimento da totalidade do acervo. Ele era multifacetário porque tinha fotografias, documentos, filmes, pinturas, desenhos, catálogos. Tudo isso faz parte do nosso acervo.

**R - Quais são as práticas educativas que vocês têm aqui no Museu?**

D - Bem. Além de essa exposição que temos hoje sobre “acessibilidade” nós temos projetos de inclusão nas escolas públicas, onde eu apresento o Projeto Plásticas nas Escolas, que é um projeto onde o Museu leva as obras que são reproduções para dentro das escolas, onde fazemos uma ação educativa mediada por profissionais e oferecemos uma oficina. Também temos um projeto que foi premiado com o mérito Darci Ribeiro que se chama Projeto Museu

Escola, e trata de integração da escola e o Museu em prol da educação do aluno. O aluno vinha quatro vezes ao Museu, visitava quatro exposições de arte contemporânea diferentes, entendendo melhor o que é um espaço expositivo, que não é um museu histórico. Aqui, além da exposição de Hassis, que a cada seis meses é trocada, no segundo andar, mês ou mês e meio troca a exposição da sala “Vento Sul” de arte contemporânea com artistas da região de Santa Catarina.

**R – Quanto ao material que é utilizado nestes projetos. A escola traz ou vocês fornecem? Como isso é feito?**

**D** – O material do Projeto Plásticas, por exemplo, temos uma cartilha de apoio ao professor e com essa cartilha o professor pode dar continuidade ao trabalho depois da saída do Museu da escola. O professor pode utilizar da forma mais conveniente em sala de aula.

**L** – Eu gostaria de acrescentar uma coisa sobre o projeto Plásticas, porque este projeto faz parte de nosso processo de inclusão. O que a gente sentiu foi uma dificuldade muito grande de trazer as crianças para o Museu. Não existe essa cultura de trazer. As escolas não têm transporte, não tem condições financeiras, autorizações. Dentro das escolas públicas é complicado. A estrutura de montar o museu dentro da escola, preparar uma sala que pareça museu, fazer folders, cartilhas pedagógicas, banners, montar a exposição, ter monitor quase que período integral, onde passam quase todas as turmas, é um processo de inclusão porque nem todas as turmas têm chance de vir visitar o museu. Muitas e muitas crianças que nunca ouviram falar a palavra museu tiveram a oportunidade de ver o museu lá. Tirando até a questão das necessidades especiais como deficiente auditivo, toda essa possibilidade que a gente também está trabalhando, para mim foi muito importante a questão de levar o museu para dentro da escola por que para nós simboliza a inclusão social e cultural do museu dentro da escola.

**R – A forma como esse trabalho é conduzido envolve especialização do pessoal que trabalha na atividade?**

**L** – Sim por que o processo todo faz parte de uma metodologia museológica. Existe uma curadoria, os textos são feitos por pedagogos, a arte educação são profissionais da área, o material é realmente dirigido, escolhido de acordo com a temática e a curadoria da exposição. Não é aleatória. Ela passa por todo o processo de montagem de acordo com as especificações de um museu. Então, desde o material pedagógico, desde a habilidade dos monitores, desde todo o material de oficinas, tudo isso é estudado, é elaborado para cada exposição, para cada projeto que vai se fazer. A gente teve exposição que muda a questão de material. Já teve exposição que trabalhamos com colagens, tecidos e nanquins. Denilson pode explicar melhor.

**D** – Eu fui responsável pelas últimas ações dentro da escola e a proposta pedagógica dentro das instituições. Por exemplo, na oficina de nanquin, a gente trabalha o universo do artista do circo. Como ele produzia as obras, quais as ações pessoais que ele tinha com esse circo, por exemplo. No Instituto de Educação, onde aconteceram as ações, antigamente, nesse terreno, era espaço para instalação do circo que chegava à cidade de Florianópolis. Então havia toda essa ligação com o local, foi muito bom trabalhar com eles. O material pedagógico, como você tinha perguntado no início, nós fornecemos todo o suporte para que os alunos desenvolvam sua criatividade com esse tema.

**R – As atividades que são realizadas aqui sempre tem o intuito de renovação, de mudar as experiências de atividades de educação inclusiva?**

**L** – Sim. Como as exposições são temporárias, há uma curadoria diferente, uma temática diferente, um material usado diferente e nós criamos projetos para cada exposição. O que permite vivenciar trabalhos com resultados fantásticos. Hassis trabalha muito com material reciclável então há trabalhos onde se utiliza caixas de geladeiras, papel bolha, uma parte artística, ecológica, com aproveitamento, o que dá uma visão geral da arte. Trabalhou o modernismo, a contemporaneidade. A Fundação se preocupa muito em contextualizar e trabalhar o ambiente cultural bem acessível para as crianças entenderem e terem a oportunidade de conhecer e ter contato com o artista. Depois de a gente explicar tudo isso, eles ficam curiosos em conhecer mais o artista, saber da vida dele, e tem outra coisa que é muito importante e que é dentro da casa onde ele morava. A questão da casa, do ambiente, dá muita curiosidade para eles. Eles estão trabalhando no mesmo ambiente onde o artista Hassis trabalhava. Eles vêm os pingos de tinta que o artista deixava e aí tem várias sensações diferentes. Uma visita à Fundação Hassis é muito abrangente porque arquitetonicamente a gente pode explicar, a parte do artista, a parte do acervo, de todas as temáticas, tudo isso é um contexto histórico. Queria que Denilson complementasse quando tu falas da questão da metodologia, por exemplo, essa cartilha pedagógica, que a gente distribui no projeto Plásticas na Escola e que também utiliza aqui, ela tem um certo roteiro. Como olhar a obra de arte, como trabalhar a obra, como obter um resultado da obra. Então são várias etapas, inclusive, os professores depois podem usar em outras linguagens. Na literatura, na música, em outros cenários.

**D** – Na ação educativa que é proposta dentro das escolas, o professor é apenas um “estopim” para ele trabalhar a arte de uma maneira diferente. E dentro do museu, essa inovação, que você disse, de ação educativa, sempre visa o contato com o público, fortalecer ou provocar esse contato. Olhar diferente, eu vejo pessoas que gastam cinco segundos em um quadro e já vai para outro. Como se olhar uma imagem dessa maneira desse para entender o todo. A assimilação é muito rápida. Mas, se a pessoa se dedicasse um pouco mais e olhar com mais carinho, mais sensível, vai descobrir coisas que às vezes passaram despercebidas. Há um

mecanicismo hoje onde tudo é feito rapidamente.

**R – Falando em tempo. Quanto tempo vocês acham que uma oficina produz esse resultado que vocês desejam alcançar?**

**D** – A oficina em si permite colocar em prática as idéias da mediação. A mediação em si dura em torno de duas horas porque depende da exposição e da proposta da ação educativa. Depois que vai se fazendo a ação educativa a gente vai “jogando sementinhas” em cada aluno do que eles podem refletir e colocar depois no papel. Se for uma oficina de pintura por exemplo, como o aluno vai trabalhar a tinta, as tonalidades, que não seja trabalhado uma única cor, que tente ver o desenho da pincelada. É claro que às vezes ele não terá a coordenação devida, mas a reflexão, o senso crítico, isso vai ser desenvolvido. Ele vai conseguir entender que aquela obra não é só a questão visual, mas a questão do conceito, da técnica e tudo mais.

**R – Já que você tocou no assunto da diferença de cada projeto. Quais são os oferecidos para a população? E também para a inclusão?**

**D** – Para a população nós temos as exposições, é aberto ao público e qualquer pessoa pode visitar o museu. As ações direcionadas, que são as de inclusão, são muito interessantes porque há uma metodologia onde se tenta que ele não entenda só a imagem. Que ele entenda que não se trata de uma questão visual, mas que sinta a obra. Com o toque, com o áudio, e assim, serão tocados pela obra mesmo não podendo vê-la fisicamente. E poderão entendê-la por meio de nossa explicação através da mediação. Essa é uma parte bem importante. A psicóloga...Vanessa Andrade foi a que fez as releituras.

**L** – A questão da obra em relevo é inédito. A gente já participou de vários programas nacionais explanando esse modo de fazer exposição. Não é desconhecido por que já teve de escultura. Mas a questão das artes visuais, a obra pintura sendo tátil, a Fundação é praticamente pioneira. Então, há oportunidade do toque, sentir a pintura e junto há um aparelho de mp3 onde existe uma gravação que fala sobre o artista, a temática, a técnica e isso tudo é um complemento. O resultado é fantástico. Porque quando a Vanessa Andrade, que foi a pessoa que idealizou e executou o projeto, fez um estudo muito profundo e testou, por meio de visitas aqui para realizar experimentos de deficientes visuais que aprovaram, então só aí começamos a executar as exposições táteis. Já temos três exposições montadas e daqui para frente nossa intenção é trabalhar cada vez mais a acessibilidade.

**R – Além disso, para as pessoas que têm outros tipos de deficiências, o que vocês consideram de mais desafiante em termos de adaptação do espaço.**

L – A idéia é manter a casa por causa de todo o histórico e será cada vez mais adequada para que seja um facilitador para esses públicos. Para terem acesso ao andar superior será colocado um elevador para que a sala “Vento Sul” também tenha oportunidade de receber. A questão de Libras e deficientes auditivos já fizemos várias experiências, foi muito legal, as crianças tiveram uma atenção enorme. Tivemos uma exposição muito bonita chamada “Florianópolis no olhar de Hassis” e toda foi voltada para os deficientes auditivos e foi um sucesso porque a gente sentiu o interesse de todo o público.

**R- Quando aconteceu?**

L – Essa exposição foi em 2004. E ela permanece e se tiver turmas interessadas a gente busca os profissionais para fazer a mediação. O que gostaria de deixar claro é que o museu está sempre aberto e todo o programa de arte educação é inédito. Temos programas de uma hora, duas ou três horas, com oficina, sem oficina, com monitoria, sem monitoria. Com monitoria sempre porque a gente mantém nossos profissionais aqui e atendimento de período integral. Mas, se quiser fazer oficina ou fazer somente a visita e se precisar chamar profissionais que trabalhem com LIBRAS ou para deficientes visuais a Fundação tem o seu quadro de profissionais para fazer esse atendimento. Então, nosso processo é bem global. Procura atender a tudo.

**R – Há outro assunto que vocês gostariam de complementar? Um convite?**

L – Estamos aqui todo o período, o museu está aberto sempre com duas salas de exposições. Interessados podem ligar para a Fundação e agendar sua visita quando o grupo for maior ou então vir porque o local está sempre aberto. O endereço é rua Luiz da Costa Freysleben, 87, Itaguaçu, Florianópolis. É na praia de Itaguaçu, bem fácil. O telefone para contato é 48-3244-1082.

[www.fundacaohassis.org.br](http://www.fundacaohassis.org.br)

Assista parte da entrevista no seguinte endereço:

<http://youtu.be/TCtdR1nVd8c>